FALSA LOURA de CARLOS REICHENBACH
por ANDREA ORMOND & INÁCIO ARAUJO

REICHENBACH E A PRÁTICA DA RAZÃO

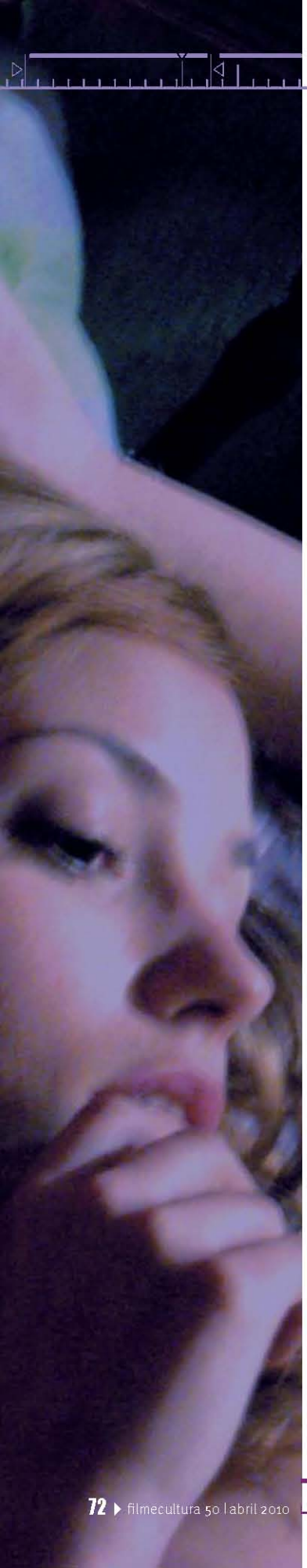
por Andrea Ormond

Falsa loura (2007) não está entre os melhores filmes de Carlos Reichenbach, mas é o que melhor soluciona a inquietação dispersa em sua obra: o olhar para a mulher, principalmente a mulher operária, da periferia, do arrabalde.

Acertando em centralizar a história na figura de Silmara (Rosanne Mulholland), Reichenbach – em viés contrário a *Garotas do ABC* (2003) – não se perde no vício do cinema brasileiro dos anos 2000, quando ilações sócio-econômicas quase sempre oprimem a construção de tipos humanos marcantes.

Embora reedite a exploração do meio proletário, aqui ele é somente pano de fundo a seu amor pela moça da fábrica. Silmara existe para dominar, para se afirmar e ser abordada em pormenores. Deste jeito, a questão individual cresce diante do comentário ao coletivo.

Outra jabuticaba driblada pelo diretor e roteirista diz respeito ao excessivo esquematismo, à mão pesada com que a maioria dos cineastas hoje manipulam seus personagens. Fácil seria transformar Silmara em heroína ligeira, palatável. Cruzamento de (falsa) loura escultural com boneca vítima de rocambolescas sociochanchadas. Mesmo porque, desde os créditos – trazidos entre apetitoso flerte lésbico – a promessa é simples: vendê-la pela sedução.



Acontece que inicialmente odiamos a protagonista. Ela é a chata que não grava uma música para a amiga; é a branquela que guarda preconceito imbecil, desencorajando a colega negra a estudar. Não sendo exatamente uma transgressora, uma *outsider* como o pai incendiário, Antero (João Bourbonnais), ou o irmão travesti, Tê (Léo Áquila), ela transcende aquela realidade, nariz empinado no rebanho.

Silmara também é brega. De doer. E o universo da breguice não nos pede desculpas, nem condescendência. Serve para deixar mulheres de vida sofrida mesmerizadas por algo inatingível, o bom e velho ideal do príncipe encantado. Um homem que chegará do nada e as levará para a miríade de prazeres e proteção incondicional.

Gostamos mais de Silmara quando o elemento masculino entra em cena. Beija, entrega-se sem preocupações. Os homens comuns – não os mitos românticos – possuem amplo sentido utilitário. No dilema entre amar e usar é que Silmara conhece o líder do grupo Bruno e Seus Andrés (Cauã Reymond). Um semideus, que percebe a 'diferença', a qualidade de mulher especial afogada na pobreza, e logo a sequestra dali.

Todo o desenvolvimento obsessivo da personagem ganha corpo neste dilema. O que uma garota linda e pobre tem a oferecer ao mundo, e o que o mundo pode lhe oferecer? Pinçada da fábrica, do bairro, na relação com Bruno ela é maltratada e reduzida a passatempo sexual. Quando volta, entende que as colegas sonhadoras nunca apreenderão que a realidade é imperfeita. "Se a lenda é mais forte que a realidade, espalhe-se a lenda", filosofa. E idealiza Bruno de acordo com a demanda das outras operárias.

Histórias paralelas à da Cinderela politicamente incorreta tornam a fábula ainda mais rica e esclarecedora. O pai, amargurado e castrado, é olhado entre vinhetas de uma beldade nua, declamando trechos do livro *Sócrates e a arte de viver*, de J. C. Ismael. O irmão travesti, por sua vez, é duplo de Silmara, vontade inútil de repeti-la, como a reiterar seus dotes excepcionais. Já a relação com Briducha (Djin Sganzerla), amiga protegida e orientada por Silmara, faz parecer que tudo problematiza a redundância 'usar e ser usado'. Não à toa, as aparições de Briducha são o aspecto menos surpreendente do enredo, apesar do esforço de Djin.

Em exercício de antropologia cinematográfica, pode-se dizer que o elenco mescla um quê de século XXI – presença de quase-celebridades como Tiazinha, Léo Áquila, Maurício Mattar –, embebido do que a Boca do Lixo soube produzir: a *anima* da protagonista. Uma Sandra Graffi cairia bem, e Silmara adentraria a galeria de musas do bar Soberano.

Com tantas sutilezas, *Falsa loura* pode transparecer veleidades de filme difícil, complexo, mas está entre os mais comerciais de Reichenbach. Citações a Valerio Zurlini, Howard Hawks e até Jean Cocteau em *Orfeu* permanecem, porém estão diluídas em maravilhoso glacê de cinema popular.

Uma pena que, como a maioria das obras recentes do diretor, não tenha encontrado seu público. Arrisco dizer que ele deva estar na própria periferia das grandes cidades, muito

longe das salas onde acabou rapidamente exibido para circunspectos gatos pingados, em áreas nobres de São Paulo, Rio e outras capitais.

Por fim, cabe pequena digressão sobre o porquê de Carlos Reichenbach – um dos poucos nomes oriundos da Boca que continua na ativa – ser cada vez menos revisto e mais porcamente analisado, em paradoxo à sua febril atividade de cinéfilo e presença constante na imprensa. *Showman* intelectual, passa desapercebido no caráter benevolente do artista uma tendência singular de cumprir rotas que não envelhecem, de propor temas que demoram décadas até que a medíocre intelectualidade brasileira consiga enfrentar sem medo.

Obras-primas como *O império do desejo* (1980) permanecem impactantes e atualíssimas. *Dois córregos* (1999), recorte sobre a ditadura militar, confunde críticos e curadores desatentos. Renascido no Canal Brasil, até o episódio *Rainha do fliperama*, do longa pornochanchadeiro *As safadas* (1982), ganhou imediatamente aura de *cult*, após vinte e cinco anos esquecido entre notas de rodapé.

Falsa loura inscreve-se neste paradigma, e é por isso que devemos julgá-lo delicadamente. Apaixonar-se por Silmara parece ter exaurido Reichenbach, embora a resposta possa ser tão íntima quanto a descoberta do menino Leonel sobre a verdadeira cor dos cabelos da moça.

Ainda que volte à gênese dos quatro roteiros iniciais que escreveu estimulado pela Bolsa Vitae – adaptados *Lucineide falsa loura* e *Aurélia Schwarzenega*; faltando realizar *Anjo frágil Antuérpia* e *A fiel operária Lady Di* –, Carlos Reichenbach já conseguiu extrair da vida na periferia paulistana sentido muito maior que cineastas vinte, trinta anos mais jovens, como Ricardo Elias e Roberto Moreira.

Não que ambos sejam maus diretores; Carlão é que tem a pista rara dos gênios. Além disso, a obra incomoda e permanece, enquanto certas demagogias da chamada Retomada, hipocrisias de gabinete, não sobreviverão cinco minutos em futura análise. Simples, porém nunca tosca e simplória, a falsa loura nasceu eterna.

Andrea Ormond é escritora e crítica de cinema. Mantém o blog Estranho Encontro (http://www.estranhoencontro.blogspot.com).

LUCIANA FIGUEIREDO